



UNISO CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 34 • 08/02/2026

ECOS DO SILÊNCIO: OS RUÍDOS PROVOCADOS PELA PRESENÇA HUMANA NA FLORESTA NACIONAL DE IPANEMA



Foto: Danilo Santana (Labcom/Uniso)

• PÁG 04 •

QUESTÕES DE GÊNERO DEVEM INTEGRAR ESTUDOS
SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO NO BRASIL

• PÁG 02 •

EDITORIAL

Nesta primeira edição de 2026, apresentamos uma pesquisa científica sobre um dos espaços mais emblemáticos da nossa região: a Floresta Nacional de Ipanema. De grande valor histórico, pela implantação da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema no início do século XIX, a Flona também se destaca hoje por sua importância ambiental, com cerca de cinco mil hectares de área preservada.

É nesse território que a bióloga Viviane Monteiro Silva Kupriyanov desenvolve uma pesquisa voltada ao monitoramento dos sons emitidos pelas aves e à compreensão de como a presença humana e seus ruídos interferem nos hábitos desses animais. Estudos como esse, do Programa de Pós-Graduação em Processos Tecnológicos e Ambientais da Uniso, contribuem para a produção de conhecimento e, assim, para fortalecer ações de preservação ambiental.

Outro tema é a baixa representatividade feminina no jornalismo literário brasileiro. A professora Monica Martinez, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, reflete sobre como mulheres que tiveram papel relevante no jornalismo brasileiro do século XIX acabam, muitas vezes, sub-representadas na produção acadêmica.

Desejamos uma ótima leitura!

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de Internacionalização

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão) e Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de Internacionalização).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecsom) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Dr. Guilherme Profeta e Profa. Dra. Mara Rovida (Reportagens), Ricardo Kazuo Fujimoto (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Prof. Dr. Edgar Robles Tardelli, Prof. Dr. Lourival Antunes de Oliveira Filho, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

QUESTÕES DE GÊNERO DEVEM INTEGRAR ESTUDOS SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO NO BRASIL

REPORTAGEM: Guilherme Profeta

É jornalismo ou é literatura? Nem sempre é fácil responder a essa pergunta e, em alguns casos, a resposta pode ser simplesmente as duas coisas. O chamado jornalismo literário, que também admite diversos outros nomes (como literatura de não-ficção, por exemplo), combina o melhor dos dois mundos: o *conteúdo* que faz referência à realidade — a pedra fundamental do jornalismo — e a *forma* de construir as narrativas, que empresta o estilo menos pragmático, as várias camadas de significados e as experiências estéticas da literatura, resultando em textos mais densos e mais interpretativos, que se aproximam consideravelmente da arte (mas sem deixar de ser jornalismo, no fim das contas). É por isso que, desde 2006, os pesquisadores internacionais desse campo de estudos adotam o termo “jornalismo como literatura”, que possivelmente norteia melhor a questão, embora não a esgote.

No Brasil, talvez o exemplo mais clássico desse gênero híbrido seja o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, publicado pela primeira vez em 1902 e traduzido para o inglês em 1944 sob o título “*Rebellion in the Backlands*”. O livro foi baseado na cobertura que o escritor fez de um conflito armado entre o Exército Brasileiro e os insurgentes de Canudos, no sertão do estado da Bahia, que durou entre 1895 e 1898. Parte da reportagem entrou para o jornal O Estado de S.Paulo antes de virar um clássico da literatura brasileira e uma das obras pioneiras quando o assunto é jornalismo literário. Ainda assim, demorou mais de 40 anos para que a obra fosse publicada em inglês e, ainda hoje, esse é um dos poucos livros-reportagem brasileiros disponíveis no mundo anglófono.

Afinal, a despeito de o português ser uma das dez línguas mais faladas do mundo (contando com 250 a 279 milhões de falantes nativos em partes da Europa, da África, da América do Sul e do sudeste da Ásia), o idioma ainda costuma ser

uma barreira, mesmo hoje em dia. Especialmente no que diz respeito aos estudos voltados ao jornalismo literário, as pesquisas baseadas em publicações brasileiras costumam ser escassas, uma vez que ainda há poucas obras traduzidas que estejam disponíveis para a leitura de pesquisadores internacionais não versados no português, em comparação à quantidade de obras em língua inglesa, por exemplo.

Normalmente os estudos focados no jornalismo literário desenvolvidos no Brasil compreendem quatro tipos: os primeiros se propõem a responder àquela pergunta fundamental que abriu este texto (é jornalismo ou é literatura?); os segundos se propõem a traçar os limites do próprio campo de pesquisa; os terceiros dão conta da história do jornalismo literário, abordando autores pioneiros como o próprio Euclides da Cunha; e os quartos estudam publicações históricas, como a consagrada revista Realidade, publicada no Brasil entre 1966 e 1976. Em todos esses casos, contudo, as pesquisas publicadas costumam ser conduzidas por homens, não raro brancos.

Foi isso que percebeu a professora doutora Monica Martinez, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC) da Universidadede Sorocaba (Uniso). Essa impressão a levou a publicar um artigo a respeito na edição de agosto de 2020 da revista *Literary Journalism Studies*, da Associação Internacional para os Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, na sigla em inglês), na qual ela atua como presidente do Comitê de Engajamento Global.

“A história do jornalismo literário no Brasil vem sendo narrada predominantemente por vozes masculinas, o que sugere desigualdade e um possível viés de gênero. Há evidências substanciais de que as mulheres tiveram uma presença importante no jornalismo brasileiro

do século XIX. Elas escreviam para jornais e revistas e pertenciam a diversos campos do conhecimento, classes sociais e regiões”, conta ela, no artigo. “No entanto, ignoradas por historiografias jornalísticas e literárias, a maioria dessas pioneiras — especialmente as revolucionárias que lutavam pelos direitos das mulheres — foram condenadas ao esquecimento.”

Atualmente, ainda que exista uma maior quantidade de mulheres trabalhando no jornalismo — até mais do que homens, dependendo do estudo que se esteja considerando —, estudos da última década apontam que as chefias ainda são predominantemente masculinas. Também é particularmente importante lembrar que a presença feminina não é um fenômeno exatamente novo; elas já estavam lá desde a década de 1950, quando as primeiras repórteres recém-saídas das universidades começaram a galgar os degraus das redações. Isso aconteceu a despeito de o ambiente boêmio que as cercava não ser considerado, na época, o mais adequado para as “moças direitas”. Como Martinez ressalta, tais assunções não impediram jornalistas como Carmen da Silva de tratar de temas considerados polêmicos, como orgasmo feminino e abusos de autoridade por parte de homens. E, além das jornalistas, há também de se considerar o papel das pesquisadoras do jornalismo (como Adísia Sá, Cremilda Medina, Lucia Santaella, Sonia Virgínia Moreira e Zélia Leal Adguirni), que, segundo Martinez, nem sempre são tão lembradas quanto suas contrapartes masculinas.

Contudo, como a pesquisadora faz questão de ressaltar, a grande questão não é simplesmente a presença das mulheres (ou não) no mercado de trabalho: não basta que um grupo esteja inserido nesse mercado, mas que ele esteja de fato representado no conteúdo e no discurso do jornalismo. “Além de um espaço de trabalho”, defende Martinez, “o jornalismo também é considerado uma construção histórica e coletiva”, o que significa que a discussão deve incluir outras camadas de representatividade, o que pode aproximar os estudos em jornalismo literário dos estudos de gênero.

Curiosamente, ela aponta que a palavra-chave “gênero” aparece em somente sete dos 1.500



A professora doutora Monica Martinez, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso e autora do artigo

artigos disponíveis na base de dados da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, alimentada desde 2004, e é justamente isso que, segundo Martinez, deve mudar, por meio de uma abordagem transdisciplinar que, a exemplo de sua iniciativa, não desconsidere todo o silenciamento do passado.

“É com orgulho que eu digo que, na Uniso, esse debate não tem sido apenas teórico”, ela defende. “No caso do nosso Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami) — e uso este exemplo apenas porque é um dos que conheço de perto —, começamos a olhar com carinho nossos referenciais, para que refletissem melhor essa questão da equidade de gênero. Ao percebermos que ele não dava conta de expressar a rede notável de pesquisadoras do nosso campo, passamos a cuidar para dar maior visibilidade a elas. Pode parecer pouco, mas não é. Quanto mais

alunos e alunas de graduação e pós-graduação se familiarizem com essa questão, melhor será sua produção jornalística e sua pesquisa em jornalismo.”

Como parte do esforço para fomentar o avanço desse campo de estudos, a pesquisadora conta que o PPGCC oferece desde 2021 o grupo de pesquisa intitulado Jorlit (Jornalismo Literário e Narrativas de Transformação Pessoal e Social). Liderado por ela e certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo consolidou-se como um espaço de investigação e formação acadêmica. Em 2025, como um dos resultados de um projeto de pesquisa apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), foi lançado um desdobramento do grupo, o Jorlit d’Elas, uma rede voltada a dar visibilidade à vida e à obra de pesquisadoras que atuam no campo do jornalismo literário.

ECOS DO SILÊNCIO

PESQUISADORA INVESTIGA RUÍDOS PROVOCADOS PELA PRESENÇA HUMANA NA FLORESTA NACIONAL DE IPANEMA

REPORTAGEM: Mara Rovida



Foto: Danilo Santana (Labcom/Uniso)

Kupriyanov pretende realizar oficinas para compartilhar o conhecimento desenvolvido na pesquisa com técnicos do ICMBio e com a população em geral

Ao passar pela cancela que marca a entrada da Floresta Nacional de Ipanema, ou **FLONA** para os habitués, já é possível perceber que a espécie humana vem frequentando o espaço há muito tempo. Os altos muros da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, criada em 1810 por Dom João VI, ainda se apresentam altivos e firmes como se guardassem uma parte importante da história do lugar. As portas de ferro de uma das edificações fazem a conexão com esse passado, quando o nome do Brasil era grafado oficialmente com **Z**.

Além do sítio histórico, do Brasil Império, a Flona também guarda resquícios de um período ainda mais distante, que remonta a uma era anterior à presença dos colonizadores. Esses vestígios do passado também se apresentam com robustez pela longevidade e beleza de árvores como o jequitibá, as figueiras, as paineiras, as canelas, entre muitas outras que se espalham pelos 5.069,73 hectares que compreendem a área da Flona, localizada entre os municípios de Araçoiaba da Serra, Iperó e Capela do Alto, no interior do estado de São Paulo. Além da vegetação típica

de um ecótono — área de transição entre dois ou mais ecossistemas, neste caso, a Mata Atlântica e o Cerrado —, outra característica que chama a atenção nessa área de preservação ambiental é a diversidade da fauna: são 356 espécies de aves, 75 de mamíferos, 43 de anfíbios, 27 de répteis e 37 de peixes.

A Flona foi criada em 20 de maio de 1992 pelo Decreto Federal nº 530, numa área que fazia parte da antiga Fazenda Ipanema. O objetivo, de acordo com o decreto, é “o manejo de uso múltiplo e de

forma sustentada dos recursos naturais renováveis, manutenção da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos, recuperação de áreas degradadas, educação florestal e ambiental, manutenção de amostras de ecossistemas, e apoio ao desenvolvimento florestal e dos demais recursos naturais renováveis das áreas limítrofes à floresta nacional”. Para dar conta dessas diretrizes, o Instituto Chico Mendes de Conservação (ICMBio) administra a Floresta Nacional de Ipanema como um todo, o que inclui as Vilas São João de Ipanema e Smith, onde residem famílias de trabalhadores rurais assentados, ex-funcionários do Centro Nacional de Engenharia Agrícola (CENEA) e servidores do próprio ICMBio.

Alguns moradores da Flona atuam como guias, mas nem todo visitante solicita esse serviço porque existem passeios autoguiados. As visitas não supervisionadas são possíveis porque há trilhas sinalizadas, bem como roteiros pré-estabelecidos que podem ser feitos pelos visitantes. A entrada é permitida de terça-feira a domingo, das 8h às 15h, com saída até às 17h, sem necessidade de agendamento. Apenas grupos, escolas ou universidades precisam pré-agendar os passeios. Para acessar a Floresta é necessário pagar um ingresso de R\$ 15,00 por pessoa, exceto crianças até 11 anos e idosos com mais de 60 anos. Um centro de visitantes serve de ponto de apoio para todos que chegam à Flona. Há banheiros, fraldário, bebedouro, estacionamento e um ponto de descanso. Toda essa infraestrutura torna a visita

ainda mais convidativa. Assim, a espécie humana segue muito presente no dia a dia da Floresta, convivendo com outros mamíferos, répteis, peixes, anfíbios e aves, muitas aves.

A ESCUTA ATENTA DOS RUÍDOS, ONDE MORAM AS AVES

A bióloga Viviane Monteiro Silva Kupriyanov, formada pela Universidade de São Paulo, sempre se interessou pelo trabalho de conservação ambiental. “Desde criança, quando começou a se falar em conservação ambiental, na época da ECO-92”, Kupriyanov soube que seu futuro envolvia o meio-ambiente e o trabalho com animais, plantas — enfim, com tudo aquilo que a ideia de natureza contém, embora “seja um erro separar nós humanos do todo. Fazemos parte da natureza.”

Depois de um intervalo entre o primeiro mestrado, em Zoologia pela Universidade de São Paulo (USP), finalizado em 2013, e o segundo mestrado, desta vez um curso profissional no Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), encerrado em 2024, Kupriyanov deu início ao doutorado no Programa de Pós-Graduação em Processos Tecnológicos e Ambientais da Universidade de Sorocaba (PPGPTA-Uniso). Nos dois cursos de mestrado, Kupriyanov trabalhou com aves, mas foi no IPÊ que ela aprendeu a pesquisar com gravadores acústicos autônomos, equipamentos instalados em lugares estratégicos para capturar os sons da fauna. Esses equipamentos permitem monitorar

diferentes espécies em seu habitat e já ajudaram a combater a caça ilegal em inúmeros países onde a técnica foi utilizada. No caso de aves, é possível gravar diversos cantos, o que propicia mais conhecimento sobre esses animais e pode até mesmo confirmar a presença de espécies que nem tenham sido avistadas. “Aprendi a identificar o canto de muitas aves”, comenta Kupriyanov sobre o mestrado finalizado em 2024.

Na atual pesquisa, de doutorado, a bióloga está usando a mesma técnica de monitoramento acústico passivo para acompanhar as aves que habitam a Flona e também para compreender como a presença humana e seus ruídos interferem nos hábitos desses animais. No projeto de pesquisa, Kupriyanov indica que pretende “avaliar o impacto do ruído antropogênico causado pela visitação nesta [a Flona] Unidade de Conservação” e, para isso, a pesquisadora está desenvolvendo uma atividade em campo que se divide em três dimensões, representadas pelos espaços da própria Floresta: locais de alta frequência de visitantes, espaços com baixa frequência de visitantes e áreas controle onde apenas pesquisadores e pessoas autorizadas podem circular. “Antes de ir a campo, é preciso configurar os equipamentos. Nós estamos usando como configuração a gravação de um minuto, a cada cinco. Assim alcançamos 288 gravações por dia, durante 21 dias de gravação.” Além da programação para gravar com os intervalos desejados, é preciso garantir o bom funcionamento dos equipamentos, com o uso de pilhas adequadas e uma proteção contra as intempéries, que tanto pode ser uma capa específica para esse tipo de gravador como uma capa para celular.

Com os locais identificados e os equipamentos preparados, Kupriyanov planejou algumas idas a campo para instalar os gravadores. “É melhor não ir sozinha. Mas essa parte do campo todo mundo quer fazer.” Por isso, encontrar voluntários para participar dessa etapa da pesquisa não foi problema. Além disso, há um alojamento do Centro de Formação em Conservação da Biodiversidade (**ACADEBIO**), na Flona que os pesquisadores usam de base quando estão realizando atividades de campo, o que também facilita o desenvolvimento dessa etapa do trabalho. Ela contou com um ou dois ajudantes em cada saída a campo para a instalação dos equipamentos, o que consiste em posicionar os

PARA SABER MAIS

Conheça a Flona acessando o **QR Code**:



A **ACADEBio** é uma escola do Governo Federal vinculada ao ICMBio. Conheça mais acessando o **QR Code**:



Conheça mais sobre essa passagem linguística da História do Brasil na dissertação “A renomeação do Brasil: a construção de uma identidade nacional pela ortografia”, de Thiago do Nascimento Godoy, acessando o **QR Code**:



gravadores em árvores, geralmente a cerca de 1,80 metro do chão, usando a vegetação para camuflar minimamente o material, “principalmente em lugares com alta frequência de visitação, para evitar que alguém mexa ou fure o equipamento.”

O período de gravação foi selecionado com base no comportamento das aves. “A maioria das aves se reproduz de agosto a dezembro e é o momento em que elas estão mais vocalmente ativas; os machos estão cantando mais para demarcar território.” Por isso, o trabalho de campo foi realizado nesse período.

A avaliação dos áudios captados pelos gravadores será realizada de forma aberta e compartilhada na Rede Automatizada de Monitoramento Remoto da Biodiversidade (sistema **ARBIMON**) – com a identificação Sounds of Silence: Flona de Ipanema. De acordo com a doutoranda do PPGPTA-Uniso, é preciso usar esse tipo de tecnologia, baseada em Inteligência Artificial, para identificar padrões nos áudios captados na coleta em campo. “É humanamente impossível ouvir todo o material gerado pela etapa de campo.” Kupriyanov explica que é preciso treinar a IA para direcionar o tipo de informação que se quer extrair das gravações, mas sua experiência no mestrado a ajudará nesse processo. “No mestrado, eu identifiquei 130 espécies de aves.”

UMA PESQUISA COM CUSTOS ALTOS

No início, Kupriyanov achava que teria de fazer um extenso rodízio com os gravadores que pretendia comprar para sua pesquisa. Mas, no primeiro semestre de 2025, o cenário mudou depois que ela conseguiu três fomentos de pesquisa, dois internacionais e um nacional. “Eles chamam de *grants*, são fomentos de pesquisa de fundações e de empresas. Nós pedimos para quatro diferentes financiadores e acabamos conseguindo três.”

Um tanto incrédula ainda, Kupriyanov conta que a primeira resposta foi negativa, mas pouco

tempo depois ela recebeu um e-mail da britânica Rufford Foundation com algumas perguntas que foram respondidas com a ajuda de seu orientador, o professor doutor Thiago Simon Marques. “Ele [professor Marques] me incentivou a escrever os projetos para os fomentos.” Para concorrer aos grants, Kupriyanov precisou desenvolver propostas de trabalho curtas com cronogramas de em média um ano. O compromisso assumido nessas propostas inclui a execução de etapas da pesquisa e a obtenção de resultados para serem apresentados aos financiadores como uma prestação de contas, num período de tempo menor do que o do doutorado como um todo, cujo prazo médio é 48 meses.

As 6 mil libras foram suficientes para comprar 15 gravadores acústicos autônomos e custear outros gastos. “A Rufford Foundation enviou o dinheiro diretamente para a Uniso. Não passou por mim. Eu apenas fiz os orçamentos e indiquei os equipamentos a serem comprados.” Kupriyanov conta que essa quantidade de gravadores demandaria um manejo, isto é, novas etapas de instalação para cobrir toda a área a ser monitorada. “Foi então que eu tive a aprovação do segundo e do terceiro grants.” A pesquisadora teve parecer positivo junto à **IDEA WILD**, uma fundação estadunidense, e ao Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (**FUNBIO**). A Idea Wild fornece equipamentos para pesquisadores e, no caso de Kupriyanov, foram ofertados sete gravadores acústicos autônomos. Já o FUNBIO liberou uma verba diretamente para a pesquisadora da Uniso, que pôde completar o conjunto de gravadores idealizado no início da pesquisa. Na opinião da coordenadora do PPGPTA-Uniso, professora Valquíria Miwa Hanai Yoshida, “este auxílio [do FUNBIO] compartilha os objetivos do PPGPTA no incentivo à formação de novos pesquisadores e fortalecimento da capacidade científica do país, contribuindo para a proteção das áreas naturais e a conscientização sobre a importância de preservar o meio ambiente”.

ESTUDO COM CÁGADO-DA-SERRA TAMBÉM RECEBE FINANCIAMENTO

O orientador da pesquisa, professor Thiago Simon Marques, também foi contemplado, neste mesmo período, com um financiamento pelo FUNBIO, mas, neste caso, a pesquisa apresentada para a solicitação do *grant* envolve vários outros pesquisadores e é coordenada pelo docente da Uniso. O professor Marques resume esse projeto da seguinte forma:

“O outro apoio à pesquisa foi concedido pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO), por meio do projeto intitulado Caminhos para a Reintrodução do Cágado-da-Serra (Hydromedusa maximiliani): Subsídios Estratégicos para a Bacia do Rio Doce. Trata-se de uma iniciativa de grande porte, da qual sou o coordenador geral, que reúne universidades brasileiras e estrangeiras em uma colaboração multidisciplinar. O projeto teve início em 2025 e tem como objetivo investigar aspectos ecológicos fundamentais de uma espécie de cágado ameaçada de extinção, impactada pelo rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, um dos maiores desastres ambientais da história do Brasil. Conduzimos estudos em áreas afetadas pelo desastre, como Ouro Preto e Mariana, também em Minas Gerais, e comparamos os dados com populações da mesma espécie registradas em áreas conservadas no Parque Estadual de Carlos Botelho, em São Paulo. Essa comparação nos permitirá avaliar os efeitos do impacto ambiental e oferecer subsídios técnicos e científicos para estratégias de reintrodução e conservação da espécie.”



Foto: gudkovandrey (Adobe Stock) Tratamento: Ricardo Fujimoto/ Assecoms-Uniso

Além dos sons emitidos pelas aves, o monitoramento também vai ajudar a avaliar o impacto do ruído emitido pelos visitantes da Flona

Não é por acaso que Kupriyanov conta essa história com alguma incredulidade; afinal, conseguir um fomento de pesquisa já é tarefa árdua, então a conquista de três *grants* é praticamente um feito. A pesquisadora já contava com bolsa de incentivo à pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo **OBSERVATÓRIO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA**, mas esse financiamento não seria suficiente para o que Kupriyanov pretendia fazer. “Eu já tinha as taxas de bancada do CNPq, mas é muito pouco. Não daria para comprar os gravadores.” Foi essa constatação inicial que mobilizou doutoranda e orientador a buscar os

financiamentos de pesquisa. As conquistas de ambos pesquisadores, doutoranda e orientador, são entendidas como muito significativas pelo Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Uniso, professor José Martins de Oliveira Jr. “O professor Thiago [Marques] aprovou recentemente projetos importantes e que envolvem quantias expressivas de recursos. Consequentemente, seus orientados também foram beneficiados com estes grants, sendo um deles a aluna Viviane Kupriyanov, que está desenvolvendo um trabalho extremamente importante na Flona. Além disso, o Projeto desenvolvido pela aluna trouxe para a Universidade de Sorocaba recursos de grande monta para aquisição de equipamentos.”



Confira mais detalhes do fomento recebido pelo Observatório da Região Metropolitana de Sorocaba no QR Code:



PARA SABER MAIS

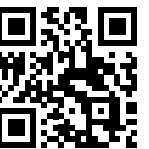
Conheça mais sobre o sistema ARBIMON acessando o QR Code:

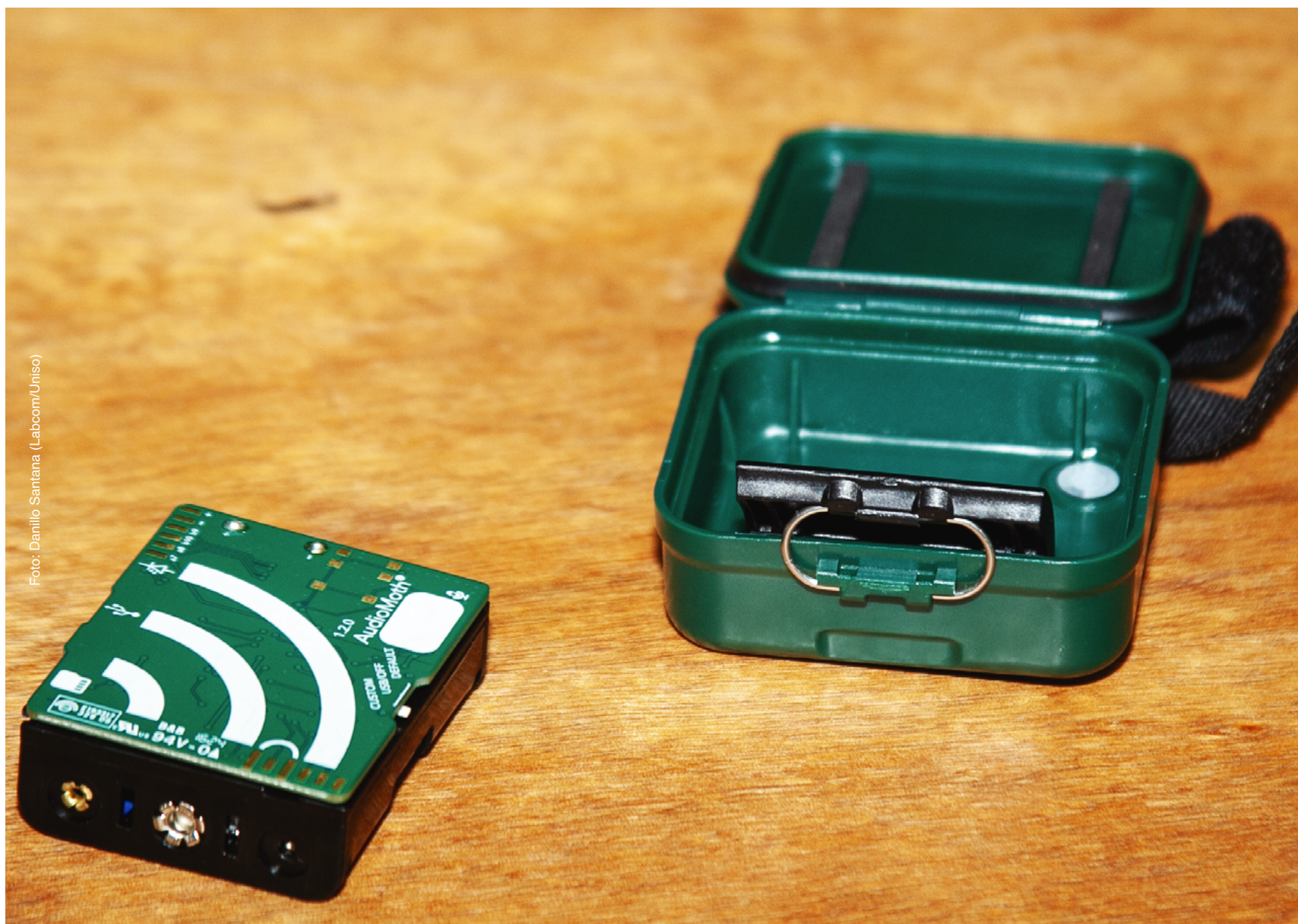


Conheça o FUNBIO acessando o QR Code:



Conheça a Idea Wild acessando o QR Code:





Os gravadores acústicos autônomos são instalados nas árvores, a cerca de 1,80 metro de altura

OFICINAS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Além de compartilhar os dados da sua pesquisa de forma aberta pelo sistema ARBIMON, Kupriyanov também pretende dividir seu conhecimento com os técnicos do ICMBio que atuam na Flona. Estão previstas oficinas na ACADEBio para compartilhar os resultados do trabalho, bem como as ferramentas usadas pela pesquisadora. Isso poderia ajudar a pensar num manejo sustentável da unidade de conservação, a partir da constatação de um volume de ruído tolerável pela biodiversidade local, por exemplo. Esse é o elemento que, na opinião do orientador da

pesquisa, professor Marques, imprime um potencial de destaque ao trabalho. “Esperamos entender melhor como a visitação pública pode influenciar a fauna silvestre, seja alterando padrões de atividade ou mesmo provocando o afastamento de determinadas espécies. Essa abordagem inovadora tem o potencial de gerar informações valiosas para subsidiar estratégias de manejo mais eficazes e sustentáveis nas áreas protegidas.”

Os visitantes da Flona também foram contemplados pelo trabalho de Kupriyanov, que

realizou um encontro de sensibilização ambiental, aberto a um público amplo, de diferentes idades, em 12 de outubro de 2025. Além deles, os alunos de duas turmas de quinto ano e três de sexto ano das Escolas Municipais de Ensino Fundamental “Coronel Antônio Rodrigues de Miranda” e “Pedro Ferreira”, ambas localizadas em Araçoiaba da Serra, participaram do Programa Observadores e Guardiões da Natureza entre abril e maio de 2025. De acordo com Kupriyanov, o objetivo do programa de sensibilização ambiental é a reconexão com a natureza; afinal, “a gente só vai conservar aquilo que a gente conhece”.